

## REPRESENTAÇÕES DO ESPORTE NO *INDIAN SCHOOL* *JOURNAL* (1906-1913)<sup>1</sup>

Sarah Fields<sup>2</sup>

University of Colorado

Denver, EUA

sarah.fields@ucdenver.edu

### Resumo

Após a chegada dos europeus ao hemisfério ocidental, eles passaram séculos tentando assimilar os povos nativos. Uma forma de “civilização” se dava através da educação e da prática esportiva em internatos. O *Indian School Journal* (ISJ), escrito e publicado na Chilocco Indian School, no que é hoje o estado de Oklahoma, foi um jornal proeminente em seu tempo e, de 1906 a 1913, incluía artigos sobre a participação dos estudantes nos esportes. Esses artigos espelhavam alguns temas. A prática esportiva pelas garotas recebeu uma quantidade surpreendente de cobertura, dado o pouco apoio recebido dos educadores de classe média da época. Os artigos reforçaram argumentos elaborados por outros acadêmicos a respeito dos significados do espírito esportivo, do amadorismo e do orgulho racial. Os artigos do ISJ sugeriam um apoio maciço a todos estes ideais. Eles também enfatizavam o significado do lado social do esporte como uma oportunidade para encontrar velhos amigos e fazer novos.

**Palavras-Chave:** povos indígenas; jornalismo impresso; educação; Estados Unidos da América (EUA).

### Abstract

#### **Representations of Sport in the *Indian School Journal* (1906-1913)**

After Europeans arrived in the western hemisphere, they spent centuries attempting to assimilate Native people. One means of “civilization” was through education and sport at boarding schools. The *Indian School Journal* (ISJ), written and published at the Chilocco Indian School in what is presently the state of Oklahoma, was a prominent journal of its day and, from 1906 to 1913, included articles about students’

---

<sup>1</sup> Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *Journal of Sport History*, vol. 35, n. 2, verão de 2008, p. 241-259. Traduzido com autorização da autora e do *JSH*. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de artigos relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte. (Nota do editor)

<sup>2</sup> A autora gostaria de agradecer os bibliotecários da Western Heritage Collection da University of Oklahoma pela ajuda na identificação e coleta de cópias impressas do *Journal*, assim como ao Sarah H. Moss Fellowship e ao College of Education da University of Georgia por seu apoio financeiro a esta pesquisa. Agradece ainda a Shelley Lucas por seus comentários sobre uma versão anterior deste trabalho, e particularmente a Vicky Paraschak e ao parecerista anônimo por seus comentários e sugestões a versões posteriores.

sports participation. These articles reflected certain themes. Girls' sport received a surprising amount of coverage given how little middle-class educators of the era supported it. The articles reinforced arguments made by other scholars about the significance of sportsmanship, amateurism, and racial pride. The ISJ articles suggested firm support for all these ideals. They also emphasized the significance of the social aspect of sport as an opportunity to reconnect with and to make new friends.

**Keywords:** indians; press; education; United States of America (USA).

Quando, no século XV, os europeus chegaram ao hemisfério ocidental, encontraram-se com a população indígena, e teve início uma batalha de culturas e assimilação que, de muitas maneiras, continuaria violentamente até os dias atuais. Os colonizadores europeus, particularmente nos Estados Unidos, estavam convencidos de que a educação era uma das formas mais eficientes de assimilar os americanos nativos (ou “índios”, como eram chamados no século XIX e início do XX) a sua cultura – uma cultura que os invasores europeus consideravam amplamente superior e mais civilizada que as culturas nativas que haviam florescido por milênios.<sup>3</sup>

Os dois componentes-chave da educação e assimilação que os descendentes de europeus promoveram foram o esporte organizado e a educação industrial. Ambos iriam se tocar na publicação do *Indian School Journal* (ISJ), editado por um dos internatos mantidos pelo governo federal dos EUA. Os estudantes e funcionários que escreviam no ISJ e o publicavam, particularmente entre 1906 e 1913, incluíram matérias sobre as equipes esportivas da escola. Neste artigo, o ISJ e o esporte são inseridos no contexto da história mais ampla da educação indígena nos EUA e o *Journal* é situado na escola que o publica. São analisados os diferentes temas que aparecem nos artigos sobre esporte do período. A forma como esses temas reforçam ou desafiam alguns dos padrões do esporte nas escolas indígenas

---

<sup>3</sup> Denominar um povo que já tem nome é algo complicado e potencialmente ofensivo. Neste trabalho, a palavra “índio” é usada porque era comum no período e porque os americanos nativos que escreveram naquele e sobre aquele tempo a utilizam. Também uso as expressões *nativo americano*, *indígena* e *povo nativo* alternadamente e sem intenção de ofender. Ademais, meu uso das palavras “civilizar” e “educar” é feito com todo o significado irônico e trágico de impor uma cultura externa e invasora às existentes.

identificados por outros pesquisadores também é explorada.

### **Educação indígena nos EUA**

Os europeus tentaram (e falharam) educar e assimilar os nativos americanos às culturas, tradições e crenças europeias muito antes de os Estados Unidos existirem como país. Com as crenças dos europeus vieram as religiões, especificamente o Cristianismo. Os europeus consideravam as populações indígenas das Américas incivilizadas porque não compartilhavam com eles religião, educação ou cultura; como resultado, os povos nativos se tornaram objeto de planos de erradicação, remoção ou, na melhor das hipóteses, aculturação. A educação era muito ligada à religião. Os colonizadores e padres pioneiros estavam convencidos de que educar os indivíduos nativos levaria a cristandade a se espalhar com maior rapidez, pois pensavam que, quando educados na tradição europeia ocidental, os índios aceitariam com mais facilidade a religião e cultura europeias e se tornariam, eles mesmos, admiráveis missionários feitos em casa (FARRELL, [s.d.]). Os católicos e outros missionários cristãos continuariam a tentar articular educação, conversão e civilização no que se tornaria os Estados Unidos, mas geralmente sem muito sucesso. Por exemplo, missionários cristãos relataram já em 1634 suas dificuldades em convencer os “bárbaros” do Novo Mundo a respeito da importância da disciplina estrita e das maravilhas dos castigos corporais para crianças (REYHNER e EDER, 2004).

Após a Revolução Americana de 1776, o novo governo dos EUA continuou o esforço de manter juntas educação e assimilação, fazendo um leque de tratados com diferentes tribos. Muitos destes tratados prometiam, entre outras coisas, dinheiro ou professores para ajudar a treinar os jovens nativos americanos nas línguas e ofícios europeus. Por exemplo, o tratado de 1794 com as tribos Oneida, Tuscarora e Stockbridge estipulava que “se empregariam uma ou

duas pessoas qualificadas (...) para instruir alguns jovens das três nações nos ofícios de moleiro e serrador” (WASHBURN apud REYHNER e EDER, 2004, p. 41). O tratado de 1803 com os Kaskaskias prometia o pagamento de até cem dólares por ano, por sete anos, para o padre que se dispusesse a instruir “tantas crianças quanto possível nos rudimentos da leitura” (WASHBURN apud REYHNER e EDER, 2004, p. 41). No final do século XIX, o Senado dos EUA aprovaria quase 400 tratados, com cláusulas educacionais em 120 deles. A troca era quase sempre de terra indígena por educação branca,<sup>4</sup> embora o governo dos EUA não cumprisse sua parte em muitos destes tratados. Como um resultado dos tratados do governo federal e dos esforços dos missionários, em 1822 catorze escolas, com mais de 500 estudantes indígenas, estavam em funcionamento na costa leste (REYHNER e EDER, 2004). Esse número continuaria a crescer, à medida que os americanos brancos aumentavam sua população e expulsavam mais e mais americanos nativos.

A iniciativa mais organizada e eficaz para educar e, por conseguinte, “civilizar” os indígenas, contudo, começaria nos anos 1870. Embora muitos americanos brancos acreditassem que os indígenas eram incapazes de ser educados, nos anos após a Guerra Civil, reformadores otimistas achavam que a educação era a solução para o que era comumente chamado de “Problema Indígena”. Em 1873, o comissário de Assuntos Indígenas (o Bureau of Indian Affairs era uma agência do governo federal dos EUA) sugeriu que “qualquer plano para a civilização que não inclua o treinamento dos jovens é míope e caro (...). Quatro ou cinco anos deste mecanismo de civilização curam de forma permanente metade do barbarismo das tribos indígenas” (ELLIS, 1996, p. 3). Trinta anos depois, outro comissário de Assuntos Indígenas escreveria, de forma similar, que “educar um índio (...) é preservá-lo da extinção” (ELLIS, 1996, p. 17). A educação, de acordo com os reformadores brancos,

---

<sup>4</sup> O termo “branco” é usado neste artigo para indicar a sociedade não nativa, *mainstream* dos EUA; uma sociedade dominada e controlada quase completamente por americanos descendentes de europeus.

aceleraria o processo de assimilação e ensinaria com maior eficiência aos americanos nativos as virtudes mais “civilizadas” da sociedade branca. Sem a assimilação total, muitos reformadores temiam que os americanos nativos fossem aniquilados para proteção da sociedade branca.

Entre as décadas de 1880 e 1950, havia essencialmente dois tipos de escola para os americanos nativos. Muitas eram externatos localizados nas reservas, que tendiam a ser dirigidos por um destes grupos: o Bureau of Indian Affairs (BIA), do governo federal; missionários cristãos com financiamento privado (o governo federal parou de financiar escolas indígenas de denominação religiosa no final do século XIX); ou, ocasionalmente, os próprios líderes das tribos. As outras escolas eram internatos fora das reservas, inspirados pelo sucesso de Richard Henry Pratt, tenente do Exército dos EUA, que realizara experiências com educação e disciplinamento de prisioneiros de guerra indígenas na Flórida em 1874-1875. Ele ensinou aos homens inglês e cristianismo, cortou seus cabelos, e balanceou sua educação com trabalho. Após a guerra, ele e 22 de seus ex-prisioneiros de guerra continuaram sua educação branca enquanto estiveram no Hampton Normal and Agricultural Institute. O BIA ficou tão impressionado que, em 1879, financiou a nova escola de Pratt: Carlisle Indian Industrial School, na Pensilvânia. O objetivo dela era “matar o índio e salvar o homem”. Pratt fez isto cortando curto o cabelo dos estudantes, dando-lhes uniformes, formando companhias militares e proibindo o uso de qualquer idioma que não o inglês. A escola ensinou-lhes cristianismo e um ofício. Pratt também ensinou esportes aos garotos. Carlisle se tornou um modelo para a educação indígena, e, em 1898, o BIA patrocinava 25 internatos fora das reservas (RINEY, 1999, p. 7-9).<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Acadêmicos como David Wallace Adams (1995) sustentam que o sistema escolar de internatos indígenas causou um mal incalculável aos jovens estudantes, que frequentemente eram levados à força para seu novo lar. Eles sofriam de desnutrição e abusos físicos, além do trauma psicológico de serem separados de suas famílias e culturas. Muitos dos novatos não sobreviveram.

### **Esportes e os internatos indígenas**

Os esportes foram um aspecto importante nos internatos indígenas em geral, e muitos acadêmicos exploraram tal relação. Benjamin Rader (2004) analisou o jogo de estreia de 1926 no Haskell Institute em Lawrence (Kansas), quando o time de futebol americano da escola derrotou o do Bucknell College por 36x0 em seu novo estádio, com capacidade para 10.500 pessoas. Rader argumenta que o evento – que, além do jogo, apresentou práticas tradicionais de *powwow*<sup>6</sup> –, permitiu que os índios revisitassem suas identidades culturais e demonstrassem, simbolicamente, sua resistência à sociedade branca. O livro *To Show What an Indian Can Do*, de John Bloom (2000), sustenta esta noção de que o esporte proporcionou aos estudantes americanos nativos uma oportunidade de sutilmente resistir aos esforços assimilacionistas dos dirigentes escolares. Bloom explorou a maneira como o esporte proporcionou aos estudantes um senso de comunidade, dignidade e capacidade. Questionando este argumento da resistência, Linda Peavy e Ursula Smith (2001) descreveram o sucesso de um time de basquete composto por garotas do Fort Shaw Indian Boarding School no oeste de Montana, quando viajou a Saint Louis para a Exposição Universal de 1904 e se hospedou na Model School, enfrentando qualquer time que se interessasse em desafiá-lo. Peavy e Smith sustentam que a presença e decoro das meninas na exposição ajudou a mostrar aos visitantes que os índios não eram “selvagens”.

O time de futebol americano de Carlisle foi o que atraiu a maior atenção dos pesquisadores do esporte. David Wallace Adams (2001) argumenta que Richard Henry Pratt, o despótico superintendente, era incapaz de controlar os significados que jornalistas, espectadores e jogadores enxergavam nas partidas da equipe da escola. Pratt previra que a

---

<sup>6</sup> Encontro ou cerimônia de índios norte-americanos (nota do Editor).

cena de índios competindo contra alguns dos melhores times universitários dos EUA promoveria sua visão assimilacionista; em vez disso, espectadores e participantes tiveram experiências distintas dos jogos. Jornalistas e espectadores brancos viam os jogos como reencenações das selvagens guerras de fronteira, e os atletas aproveitavam o jogo como a chance de vencer atletas brancos. Michael Oriard (1993), por outro lado, argumenta que a representação midiática do time de futebol americano de Carlisle era mais complicada. Oriard afirma que a imprensa diária (branca) misturava racismo, estereótipos raciais e notícias objetivas quando cobria o futebol americano de Carlisle. Às vezes, a cobertura jornalística usava linguagem racista, como as expressões “pele vermelha” e “cara-pálida” e, em outros momentos, o jornalista esportivo descrevia os índios como atletas “naturalmente” melhores que seus oponentes brancos. Repetidamente, contudo, a imprensa parecia surpresa pelo *fair play* da equipe de Carlisle; quando se deparavam com uma arbitragem ruim, os Indians simplesmente a ignoravam e continuavam jogando, sem reclamar.

Embora cada pesquisador tenha explorado um componente diferente do esporte nos internatos indígenas, eles concordam em diversos pontos-chave. O objetivo principal do esporte nas escolas era promover a saúde física. Elas há muito enfrentavam problemas com doenças, especialmente a tuberculose, que se espalhava com facilidade pelos quartos apertados dos alojamentos estudantis. As melhores práticas médicas da época recomendavam atividade física em geral e, especificamente, atividades ao ar livre para combater doenças (BLOOM, 2000, p. 34-35).

Além de proteger a saúde física das crianças, tal como na América branca na Era Progressista, o esporte nas escolas internas era considerado uma forma de ajudar a construir o caráter, por instilar disciplina, esforço e espírito esportivo, especialmente para os garotos. O superintendente Pratt, da Escola Carlisle, em particular, apregoava a crença de que o esporte

era uma oportunidade para mostrar à comunidade branca que os americanos nativos eram mais do que selvagens e tinham capacidade de ser bons esportistas e competir com os brancos nas modalidades destes (ADAMS, 2001, p. 26). Pratt se preocupava em especial com a questão do espírito esportivo; quando seus estudantes lhe pediram para restabelecer o futebol americano, após um hiato de dois anos devido à contusão grave de um jogador, Pratt só consentiu após os jogadores concordarem em “jogar limpo do início ao fim, e se outros companheiros te baterem, não revidar de forma alguma. Vocês precisam ver que, se agredirem o adversário, as pessoas que assistem dirão: ‘Olha aí, é o índio... Eles são selvagens.’” (ORIARD, 1993, p. 234). O superintendente de Fort Shaw parecia compartilhar a convicção de que, se os brancos pudessem ver os estudantes de sua escola, fosse nas partidas, na Model School ou na Exposição Universal, ou em Fort Shaw (Montana), aprenderiam que os produtos dos internatos indígenas haviam sido assimilados à cultura branca. Por exemplo, o time feminino de basquete era uma forma de educar a sociedade branca sobre as americanas nativas, de provar que elas não eram selvagens (PEAVY e SMITH, 2001, p. 8).

Estes acadêmicos também concordam que o esporte nos internatos indígenas poderia ser um fator de orgulho para os estudantes. Estudantes e atletas se orgulhavam de seu sucesso e de seus esforços nas arenas esportivas; e este orgulho, em parte, se devia a sua raça, a sua identidade étnica. Esse orgulho racial complexifica a convicção das autoridades brancas a respeito da educação indígena – de que os internatos estavam auxiliando a assimilação da juventude americana nativa.

### **Chilocco e o *Indian School Journal* (1906-1913)**

A Chilocco Indian School foi fundada em 1884. O governo federal comprou mais de



8.000 acres de terra da tribo indígena Cherokee e, no início, estimulou crianças cherokee a se matricularem no programa industrial e entrarem na escola. Em 1906, a escola tinha entre 700 e 800 estudantes da primeira à décima-segunda séries (os estudantes mais velhos tinham por volta de 20-21 anos), oriundos de 40 tribos diferentes localizadas dentro e em volta do Território Indígena (no que é hoje o estado de Oklahoma).<sup>7</sup> Embora o ISJ nunca tenha publicado um detalhamento quanto a gênero, listas de formatura de 1907 e 1909 indicam um número aproximadamente igual de formandos homens e mulheres.<sup>8</sup>

Chilocco fazia parte de um enorme esforço do governo federal dos EUA em fornecer uma educação para os índios com base no sistema educacional branco. O relatório de 1907 do comissário para Assuntos Indígenas assinalava que o governo federal havia alocado mais de US\$ 4 milhões para a educação indígena no orçamento fiscal de 1908, e mais de US\$ 10 milhões para o orçamento total do BIA. Como muitas outras escolas do BIA, a missão de Chilocco era “formar jovens indígenas com caráter, tão qualificados quanto possível – industrial, mental e moralmente – para obterem sucesso na disputa com os jovens de qualquer raça ou cor”.<sup>9</sup>

Como em muitos internatos, metade do dia era usada para instrução acadêmica, e a outra metade para treinamento vocacional e trabalho. Os meninos executavam principalmente trabalho agrícola, ao passo que as meninas faziam artes domésticas, porque o BIA acreditava que essas eram as profissões para as quais os americanos nativos estavam mais aptos (LOMAWAIMA, 1994, p. 11). Chilocco mantinha uma variedade de cultivos e os garotos cuidavam de um rebanho leiteiro e de corte de cerca de 1.000 cabeças. Além da agricultura, a escola tinha diversas oportunidades de ofício para os garotos em programas como os de

---

<sup>7</sup> “A Pencil Sketch of Our Big School”. Indian School Journal, October 1907, p. 16.

<sup>8</sup> “Chilocco Commencement, 1907”. Indian School Journal, June 1907, p. 47-48. “Commencement at Chilocco” Indian School Journal, June 1909, p. 23.

<sup>9</sup> “A Brief Description of Our School”. Indian School Journal, February 1909, p. 41.

ferraria, carpintaria, sapataria, alfaiataria, alvenaria e engenharia elétrica. As garotas aprendiam atividades domésticas como corte e costura, culinária e enfermagem. A escola enfatizava que seu foco era a instrução, e não o lucro com o trabalho dos estudantes, mas admitia que nada era jogado fora. Quanto às atividades extracurriculares, a escola se orgulhava não apenas dos esportes, mas da equipe de exercícios militares e das bandas de música.<sup>10</sup>

Chilocco também tinha uma oficina gráfica bem aparelhada e passou a publicar o ISJ. A oficina gráfica era a maior de todas as escolas indígenas, e a escola levou ao máximo o conselho do superintendente das escolas indígenas de 1898 a 1910, que acreditava que uma oficina gráfica ajudaria a ensinar habilidades quanto ao idioma e à escrita, além de funcionar como um ofício para os garotos (REYHNER e EDER, 2004, p. 99).<sup>11</sup> Entre novembro de 1906 e maio de 1913, o ISJ foi uma publicação mensal de cerca de 75 a 100 páginas, com colaboradores e notícias de muitos dos 173 outros internatos indígenas em 15 estados, que totalizavam mais de 21.000 estudantes.<sup>12</sup> Embora pouco se saiba sobre o significado do ISJ para os internatos indígenas em geral, parece ter sido um entre apenas três publicações da época com foco nos americanos nativos. *The Native American*, voltada para a educação indígena, foi publicada de cerca de 1900 a 1931 na Phoenix Indian School, e *The Red Man: An Illustrated Magazine Printed by Indians* foi publicada de 1909 a 1917 na Caslisle School,

---

<sup>10</sup> “A Brief Description of Our School”. *Indian School Journal*, February 1909, p. 41.

<sup>11</sup> Embora alguns autores de artigos no *Indian School Journal* fossem mulheres, a oficina gráfica em si parecia ser ocupada principalmente por garotos. A descrição do ISJ a respeito da proposta de Chilocco enfatizava uma educação tradicionalmente com corte de gênero: “melhor instrução para aqueles [garotos] que desejam trabalhar em lojas não existe (...) Garotas em aulas de Ciência Doméstica e Arte Doméstica (...) tinham tempo para cultivar um jardim individual”. “Chilocco’s Policy”. *Indian School Journal*, August 1909, p. 3. Uma reimpressão do *Kansas City Star* explica que “ferraria, carpintaria e outros ofícios eram ensinados aos garotos (...) Uma garota indígena formada em Chilocco sabe cozinhar, costurar, tecer e arrumar a casa”. “A Pencil Sketch of Our Big School”. *Indian School Journal*, October 1907, p. 16.

<sup>12</sup> “Some Statistics About Uncle Sam’s Schools for Indians”. *Indian School Journal*, March 1908, p. 33. Em 1931, o ISJ abandonaria o formato mensal e se tornaria um informativo semanal e mais curto, com foco quase exclusivo em Chilocco.

na Pensilvânia.<sup>13</sup>

As informações sobre esporte no ISJ focavam nos times de Chilocco, apelidados (como muitos dos oriundos das escolas indígenas) de “Indians”, mas não se limitavam a eles. Os estudantes e funcionários de Chilocco escreviam algumas das reportagens sobre as equipes da escola, enquanto outras eram extraídas de jornais das escolas e comunidades dos times adversários. Artigos oriundos de outras fontes às vezes eram citados de forma apropriada no ISJ, mas é impossível determinar a autoria dos artigos redigidos em Chilocco, se de estudantes ou funcionários. Muitos não eram assinados, embora outros tivessem uma assinatura, geralmente o nome do autor e sua filiação tribal, indicando ao menos que os autores eram americanos nativos. Algumas matérias eram assinadas “Estudantes” e muitas tinham a assinatura “Theo. Edwards, Chippewa.” Theodore Edwards é identificado em uma edição como um graduado do departamento de impressão.<sup>14</sup> Muitos dos funcionários eram americanos nativos, e alguns, incluindo George Bent, o auxiliar técnico de futebol americano, e disciplinador assistente naquele período, eram egressos de Chilocco.<sup>15</sup> O próprio Bent assinou diversos artigos.

A questão da autoria é um limite importante. Beth Haller, professora de jornalismo, questiona que os pesquisadores deveriam ser céticos a respeito de suas fontes no que diz respeito aos internatos indígenas. Com base em sua análise das publicações da Carlisle School entre 1879 e 1918, Haller argumenta que, ao contrário da maioria das publicações comunitárias, os artigos de Carlisle não eram verdadeiramente a voz dos autores. Em vez disso, na medida em que se tratava de publicações patrocinadas pelas escolas, os escritos refletiam “mutações assimilativas de jovens forçados a aprender a ser brancos” (HALLER,

---

<sup>13</sup> “Bibliography of Indian Boarding Schools, Approximately 1875-1940.” Disponível em: <<http://www.asu.edu/lib/archives/boardingschools.htm>>. Acesso em: 17 January 2007.

<sup>14</sup> “The Annual Commencement at Chilocco”. Indian School Journal, June 1907, p. 31.

<sup>15</sup> “The News at Chilocco”. Indian School Journal, October 1907, p. 45.

2002, p. 81).

### **Esportes no ISJ**

Embora as lentes do ISJ sejam potencialmente distorcidas pela incerteza quanto à autoria dos artigos e à possibilidade de censura por supervisores brancos, assim como pela própria natureza de um internato dedicado a remover a identidade indígena dos estudantes, o ISJ permanece uma fonte interessante de registros sobre as representações do esporte nos internatos indígenas e, particularmente, em Chilocco. O ISJ foi uma das publicações mais longevas sobre questões indígenas, impressa a partir de cerca de 1900 até 1980, e parece haver sido uma das únicas publicações de internatos indígenas com uma circulação nacional.<sup>16</sup> O foco aqui reside nos anos 1906 a 1913, porque neste período os esportes receberam a cobertura mais extensa e consistente; praticamente cada edição incluía ao menos um artigo sobre esporte.<sup>17</sup> A cobertura esportiva mais ampla pode ter ocorrido devido ao interesse da equipe do ISJ ou por causa do sucesso internacional de atletas americanos nativos na época. Por exemplo, Jim Thorpe, um astro do futebol americano na Carlisle School, brilhou na Olimpíada de 1912, em Estocolmo, e se tornou atleta profissional daí em diante; Louis Tewanima participou de duas Olimpíadas (1908 e 1912); e Tom Longboat venceu a

---

<sup>16</sup> “Bibliography of Indian Boarding Schools”. Acesso em: 5 July 2006. Uma busca realizada na internet sugere que nenhuma instituição tem uma coleção completa do periódico, seja dos originais, seja de cópias microfilmadas.

<sup>17</sup> A pesquisa foi conduzida na Western Heritage Collection da University of Oklahoma em 2003. Na época, a coleção tinha cópias originais do ISJ começando em 1906 e se estendendo até os 1970. A pesquisa focava o formato mensal, que incluía informações sobre outras escolas, limitando, portanto, qualquer recorte, inicialmente, ao período 1906-1931. Em 1931, o Journal mudou para um formato abreviado semanal que lembrava mais um boletim que um jornal. O foco passou a ser, de forma quase exclusiva, notícias sobre Chilocco e seus graduados, em comparação com o foco amplo e mais nacional do formato mensal. Após a leitura de todos os jornais mensais disponíveis, decidiu-se pelo foco entre 1906 e 1913 porque os jornais deste período incluíam mais notícias sobre esportes que os dos anos posteriores. Espantosamente, não há uma referência sequer ao esporte em todas as edições a partir de 1914, indicando algum tipo de mudança na linha editorial ou nos interesses dos que formavam a equipe do jornal. Infelizmente, não há como saber o que precipitou a escassez súbita de cobertura esportiva.

Maratona de Boston em 1907.<sup>18</sup> Seu sucesso, e o de outros atletas americanos nativos, pode ter despertado o interesse dos que escreviam sobre esporte no ISJ.<sup>19</sup>

Quase todas as notícias eram notas de uma a dez frases, sobre os diferentes jogos intercolégiais e, ocasionalmente, intramuros. Como os estudantes de Chilocco tinham idades que chegavam aos 21 anos, a escola frequentemente competia contra faculdades nas principais modalidades para garotos (futebol americano, basquete, beisebol e atletismo). Embora as matérias fossem, em sua maioria, sobre os times masculinos, os femininos não foram ignorados; o time feminino de basquete jogou diversas partidas por ano contra outros times de garotas, e seus resultados e sucessos foram registrados. Também houve uma reportagem sobre uma competição feminina de corrida. Embora os times femininos possam ter tido participação mais extensa, este artigo se limita às representações de seus jogos encontradas no Journal.

O ISJ também noticiava oportunidades de prática esportiva recreativa e intramuros para estudantes e funcionários. Dispersas ao longo dos anos de cobertura, havia notícias de garotos e garotas patinando no gelo no inverno<sup>20</sup> e jogando tênis nas demais estações.<sup>21</sup> No verão, permitia-se que os garotos nadassem e usassem o trampolim.<sup>22</sup> Os meninos também tinham um encontro de *cross-country*, ligado a seus esquadrões militares,<sup>23</sup> e, com os funcionários, participavam do clube de armas.<sup>24</sup> As meninas eram encorajadas a se exercitar com calistenia e séries de exercícios.<sup>25</sup> Além disso, o ISJ associava esporte, saúde e

---

<sup>18</sup> Informações sobre estes atletas podem ser encontradas em Crawford (2005); Churchill (1979) e Kidd (1983).

<sup>19</sup> De fato, o ISJ reproduziu uma reportagem sobre Tom Longboat. "Canadian Indian Wins Famous Race". Indian School Journal, January 1909, p. 43.

<sup>20</sup> Ver, por exemplo, "The News at Chilocco". Indian School Journal, February 1907, p. 43.

<sup>21</sup> Ver, por exemplo, "The News at Chilocco". Indian School Journal, April 1907, p. 36.

<sup>22</sup> "The News at Chilocco". Indian School Journal, June 1912, p. 319.

<sup>23</sup> "Cross Country Run". Indian School Journal, April 1911, p. 53.

<sup>24</sup> "Chilocco's Annual Picnic". Indian School Journal, June 1907, p. 53.

<sup>25</sup> Fotografia, "Chilocco Class in Physical Culture". Indian School Journal, June 1907, p. 43 (garotas com pesos alinhadas em fileiras); "The News at Chilocco". Indian School Journal, January 1909, p. 54.

entretenimento. Em 1909, o Journal publicou o plano de Chilocco para enfatizar “treinamento físico e instrução para todo o corpo estudantil (...) promovendo saúde (...) e, ao mesmo tempo, permitindo que se tivesse bastante prazer”.<sup>26</sup>

Geralmente o noticiário esportivo do ISJ era otimista, como parece haver sido comum em outras publicações de escolas indígenas da época. Por exemplo, o Indian Leader (publicação da Haskell Indian School em Kansas) foi citado no ISJ descrevendo uma competição de atletismo entre Haskell e Chilocco. O excerto descrevia um atleta de Haskell: “Um dos melhores desempenhos da equipe de Haskell é o do saltador de uma perna Gilbeau. Seu infortúnio lhe ajuda consideravelmente no salto, pois, além de estar habituado a saltar em um pé, ele tem menos peso a elevar sobre o sarrafo, em comparação com outros saltadores”.<sup>27</sup> A escolha do ISJ de reimprimir a notícia sugere que a equipe considerava esta reportagem inspiradora quanto a sempre fazer o melhor possível, independentemente das circunstâncias. Essa postura positiva permeava o Indian School Journal.

### **Esporte para garotas e diferenças de gênero**

Em Chilocco, como em todos os demais lugares, à época, as garotas tinham menos oportunidades esportivas que os garotos, porque o esporte, naquele tempo, estava firmemente definido como um domínio masculino. Muitos educadores brancos da época apoiavam os exercícios femininos para a promoção da saúde, mas temiam que o esporte tornasse as garotas menos femininas.<sup>28</sup> Contudo, tal qual o time de meninas de Fort Shaw (Montana) descrito por

---

<sup>26</sup> “Basket Ball Team Wins Oklahoma Championships”. Indian School Journal, August 1909, p. 12.

<sup>27</sup> “A Strong Track Team”. Indian School Journal, May 1909, p. 23.

<sup>28</sup> Para uma discussão da história geral do esporte feminino no período, ver Howell (1982), Guttman (1991) e Cahn (1994). Esses livros notam que, embora algumas atletas mulheres excepcionais e algumas mulheres da classe trabalhadora participassem do esporte, mulheres brancas de classe média eram desencorajadas de participar no que era visto como uma atividade não-feminina. Embora os educadores físicos chamassem as mulheres a se exercitar por razões de saúde, a sabedoria convencional restringia os esportes competitivos aos homens, por medo de que o esporte pudesse danificar a saúde reprodutiva e a beleza feminina das mulheres.

Peavy e Smith (2001), as meninas de Chilocco jogavam basquete universitário, e o time recebeu cobertura no ISJ. Esta cobertura aparecia quase mensalmente durante as temporadas de basquete entre 1906 e 1909, e geralmente informava o oponente e o placar, com um sumário bem breve da partida. Muitas vezes os jogos foram descritos como “bons” e, uma vez, como “veloz e interessante”.<sup>29</sup> Em 1907, o ISJ noticiou: “temos um bom time e devemos torcer por elas”.<sup>30</sup> Duas semanas depois, as garotas derrotariam o time da Wellington High School em Wellington (Kansas), na frente de 600 pessoas.<sup>31</sup> Mesmo a derrota por um ponto para a Blackwell High School é descrita como “um pouco dura, mas animadora”.<sup>32</sup> Não está claro se “dura” se referia às disputas físicas ou à qualidade do jogo, mas o uso da palavra “animadora” reafirma a postura positiva do ISJ sobre o jogo e seu amplo apoio à equipe.

O time feminino de basquete parecia ter grande sucesso em termos de participação; por exemplo, durante a temporada 1909-1910, entre 30 e 40 garotas tomaram parte das seletivas para a equipe.<sup>33</sup> Ao longo dos anos, vários artigos registram a expectativa de sucesso, e, na primavera de 1912, o time ganhou a recém-formada liga de basquete feminino de Kay County, que parecia ser jogada em seis contra seis. As atletas derrotaram três outros times para ganhar o título inaugural.<sup>34</sup> Seu sucesso, contudo, não se refletiria em cobertura extensa no ISJ. Em 1912 e 1913, a conquista e uma rodada-dupla com os meninos foram as únicas reportagens publicadas sobre as temporadas no ISJ.<sup>35</sup> Cerca de 400 pessoas assistiram à rodada dupla de 1913 contra o Blackwell Baptist College – as garotas disputaram um “jogo

---

<sup>29</sup> Para exemplos de “bom”, ver “Chilocco Athletic Notes”. *Indian School Journal*, November 1906, p. 56; e “The News at Chilocco”. *Indian School Journal*, February 1907, p. 43. Para um exemplo de “veloz e interessante”, ver “The News At Chilocco”. *Indian School Journal*, February 1907, p. 43.

<sup>30</sup> “The News at Chilocco,” *Indian School Journal*, February 1907, p. 43.

<sup>31</sup> Theodore Edwards. “Chilocco Athletic Notes”. *Indian School Journal*, March 1907, p. 67.

<sup>32</sup> “The News at Chilocco”. *Indian School Journal*, January 1908, p. 52.

<sup>33</sup> “Basket Ball”. *Indian School Journal*, December 1909, p. 51-52. Fotografias entre os anos 1906 e 1911 sugerem que, em geral, havia nove ou dez garotas na equipe. Uma lista do time feminino de basquete de 1910-1911 contém dez nomes. “Athletics”. *Indian School Journal*, April 1911, p. 52-53.

<sup>34</sup> “Chilocco Items of News”. *Indian School Journal*, June 1912, p. 325.

<sup>35</sup> “Chilocco Items of News”. *Indian School Journal*, June 1912, p. 325. “Chilocco v. Blackwell Baptist College”. *Indian School Journal*, March 1913, p. 334.

interessante e animado”.<sup>36</sup> A cobertura dos esportes dos garotos continuou praticamente mensal.

O artigo sobre o Primeiro Jantar Anual de março de 1908, patrocinado pela Chilocco Basketball Association, parece sugerir que ambos os times de Chilocco eram respeitados. Fannie Miller, uma chippewa, escreveu a reportagem do ISJ sobre o evento em que tanto o time masculino quanto o feminino foram homenageados, e seus resultados nas temporadas, publicados. Curiosamente, a lista dos times, tanto dos garotos quanto das garotas, elencava posições idênticas: cada um tinha um pivô, dois alas, dois armadores e um reserva.<sup>37</sup> Embora muitos times femininos do condado, na época, estivessem jogando com seis atletas, Chilocco não estava (ela acrescentaria uma jogadora em quadra dentro de poucos anos).<sup>38</sup> No jantar, Maude Wade brindou à “atividade física e cavalheiros”, e por sua vez, Louis Paschal brindou ao lema “atividade física e damas”.<sup>39</sup> Este tratamento e cobertura equivalentes não prosseguiram. Na Recepção Atlética Anual da primavera de 1911, membros dos times principais de basquete, beisebol e futebol americano receberam emblemas de couro. A relação de premiados foi publicada no ISJ. Embora o time feminino de basquete tivesse sido escalado nominalmente no texto, nenhuma das garotas recebeu prêmio. Os resultados da temporada de todos os quatro times, incluindo o time feminino de basquete, foram publicados junto com fotos de todas as equipes, menos a de beisebol.<sup>40</sup>

A única referência a um jogo interescolar de um time feminino distinto do de basquete apareceu em junho de 1908, quando o ISJ noticiou que a competição de atletismo de 1º. de maio de 1908 na YWCA (Young Women’s Christian Association) recebeu “público

---

<sup>36</sup> “Chilocco v. Blackwell Baptist College”. *Indian School Journal*, March 1913, p. 334.

<sup>37</sup> Fannie Miller. “The Basket Ball Banquet”. *Indian School Journal*, March 1908, p. 51.

<sup>38</sup> A lista do time de basquete feminino que venceu a liga de Kay County relaciona as jogadoras como “duas alas, uma pivô, uma pivô reserva, e duas armadoras”. “Chilocco Items of News”. *Indian School Journal*, June 1912, p. 325.

<sup>39</sup> Fannie Miller. “The Basket Ball Banquet”. *Indian School Journal*, March 1908, p. 51.

<sup>40</sup> “Athletics: Annual Athletic Reception of the Chilocco School”. *Indian School Journal*, April 1911, pp. 51-52.



significativo e foi muito animada”. Participaram as escolas Phoenix, Chilocco, Carlisle e Haskell, e, após a competição, as escolas fizeram algum tipo de venda que foi noticiada como um sucesso, sem que se explicasse de forma clara do que se tratava.<sup>41</sup> Como não foram noticiadas no Journal vendas em qualquer outro evento esportivo, talvez a atividade de arrecadação de fundos fosse ligada à YWCA ou ao encontro multiescolar de atletismo.

À parte os poucos centímetros de colunas que o esporte das garotas recebia no ISJ, não surpreende que outras diferenças de gênero fossem facilmente perceptíveis. Garotas e garotos receberam tratamento distinto. Por exemplo, o relato da viagem de 1908 a Pawhuska (Oklahoma), em que o time feminino de basquete venceu a escola secundária local e o time do Osage Boarding School, era digno de nota em parte porque se referia ao tutor, senhor Davies.<sup>42</sup> Mais tarde, ficamos sabendo que o senhor William Davies era o diretor tanto do time masculino quanto do feminino.<sup>43</sup> Quando o time masculino viajava, um técnico ou diretor os acompanhava, e embora aquela pessoa indiscutivelmente atuasse como um tutor, ele ou ela nunca era descrito como tal. Em junho de 1909, quando o dia de campo<sup>44</sup> foi realizado em conjunto com as festas de formatura, o jogo masculino de beisebol e as competições gerais de atletismo e ginástica foram realçados, o que ilustrava as diferenças de oportunidade baseadas no gênero dos(as) estudantes. As garotas abaixo de 14 podiam competir na prova de 30 jardas (garotos abaixo de 15 anos tinham uma prova de 50 jardas) – a distância e o limite de idade inferiores para garotas eram típicos da época. Todas as garotas podiam competir na corrida de saco de 30 jardas; as garotas que houvessem passado da puberdade não deveriam se exercitar muito. Garotos de qualquer idade podiam competir nas provas de 100 e 220 jardas, na corrida com carrinho de mão (30 jardas), no revezamento de

---

<sup>41</sup> “From Our Exchanges”. Indian School Journal, June 1908, p. 45.

<sup>42</sup> “The News at Chilocco”. Indian School Journal, February 1908, p. 48.

<sup>43</sup> Fannie Miller. “The Basket Ball Banquet.” Indian School Journal, March 1908, p. 51.

<sup>44</sup> Em inglês, *field day*. Dia dedicado às atividades esportivas no calendário letivo de uma escola nos EUA (nota do editor).

uma milha, na corrida em pares (com uma perna atada à do companheiro) e na corrida de obstáculos, assim como no cabo de guerra contra os funcionários da escola.<sup>45</sup>

Embora suas opções de participação fossem limitadas, as garotas em Chilocco tinham oportunidades nos esportes. O ISJ traz referências antigas de esporte feminino nos internatos indígenas, indicando que, apesar das preocupações sobre a participação esportiva feminina nutridas por alguns líderes da educação física da época, os dirigentes de Chilocco permitiam que as garotas participassem de competições extra e intramuros, e o *Indian School Journal*, no mínimo, aplaudia seus esforços e compartilhava suas conquistas com todos os leitores.

Contudo, aquela cobertura midiática era limitada, se comparada à dos garotos, e teve seu auge entre 1906 e 1909, com um notável declínio após este período. Isto sugere que, embora em Chilocco as meninas possam ter recebido mais apoio e oportunidades para praticar esportes do que muitos educadores físicos brancos do período recomendassem, este apoio nunca foi irrestrito: os jogos e as modalidades eram diferentes dos praticados pelos garotos, e a cobertura sempre foi menos extensa que a recebida por eles. O declínio após 1909 pode ter sido consequência de uma mudança na escola, na administração do ISJ ou nos interesses de quem escrevia, mas, devido à escassez de documentos sobre como o ISJ era produzido, trata-se de mera especulação. O declínio percebido na cobertura torna o noticiário detalhado do período 1906-1909 ainda mais intrigante, pois os times femininos continuaram a jogar (como evidenciado pelo título de 1911), embora sem o apoio explícito do ISJ.

### **Espírito esportivo e amadorismo**

Como os historiadores Adams, Bloom e Oriard enfatizaram, o espírito esportivo nos internatos indígenas era bastante importante como uma forma de estabelecer a igualdade dos

---

<sup>45</sup> “Commencement at Chilocco”. *Indian School Journal*, July 1909, p. 12.

índios em relação ao homem branco, ao menos em um aspecto: serem atletas competitivos, mas também honrados. Os dirigentes de internatos indígenas acreditavam que os brancos tinham a expectativa de haver roubos e malandragens por parte de seus jogadores, e o ISJ rapidamente apresentou provas de que a presunção do *índio malandro* estava errada. As colunas esportivas frequentemente mencionavam o espírito esportivo do time adversário. Por exemplo, em 1907, após a University of Oklahoma (OU) mandar seu time de beisebol para jogar em Chilocco, o Journal noticiou que “eles [OU] praticaram um jogo bonito e limpo, e jogaram bem todo o tempo”.<sup>46</sup> Em 1910, quando o time de futebol americano viajou para enfrentar outro internato indígena, Haskell Institute in Lawrence (Kansas), o resumo do jogo no Journal assinalava que a equipe de Chilocco vencera uma partida “livre de grossura e discussões desnecessárias” e congratulou o público por aplaudir o bom jogo de ambas as equipes.<sup>47</sup>

O ISJ publicou duas cartas de técnicos adversários congratulando os índios de Chilocco por seu bom espírito esportivo. Após o time reserva enfrentar a equipe de futebol americano da Logan County High School no Dia de Ação de Graças de 1906 e a partida terminar num empate de 0x0, o técnico de Logan County enviou uma nota de agradecimento ao técnico de Chilocco. Floys Calvert escreveu:

Muitas pessoas aqui presentes esperavam ver muitas pancadas e afins por parte de seus homens, mas todos agora dizem que eles foram o grupo de jogadores mais cavalheiresco e jogaram mais limpo que qualquer outro time que jamais esteve aqui. Cada um de seus homens é um perfeito cavalheiro. Eles também devem muito à escolha [do auxiliar técnico George Bent] como árbitro.<sup>48</sup>

Em 1909, o ISJ respondeu uma nota no Tonkawa Chieftain que afirmava, com relação à vitória dos garotos do time de basquete de Chilocco sobre a University of Oklahoma Preparatory School: “Nada do jogo grosseiro e das táticas dissimuladas que normalmente se

---

<sup>46</sup> “The News at Chilocco”. Indian School Journal, May 1907, p. 52.

<sup>47</sup> George Bent. “Chilocco’s Basket Ball Team”. Indian School Journal, February 1910, p. 48-49.

<sup>48</sup> “Chilocco Athletic Notes”. Indian School Journal, December 1906, p. 59.

observa no jogo dos indígenas foi permitido”. Não está claro se se tratava de um comentário sobre os americanos nativos ou os índios de Chilocco, especificamente, mas, dada a reação dos que escreviam no ISJ, eles tomaram como se se tratasse dos americanos nativos como um todo. Dirigentes de escolas indígenas como o superintendente Pratt, como discutido anteriormente, estavam convencidos de que os atletas indígenas deveriam concentrar-se particularmente em seu espírito esportivo, dada a percepção dos brancos de que os indígenas eram “selvagens”. O ISJ respondeu o relato do Chieftain:

Acreditamos que o comentário geral acima é infundado. O indígena é conhecido em todo o país por seu espírito esportivo. Onde quer que tenha participado em qualquer forma de esporte, os comentários usuais das testemunhas têm sido em seu favor. O índio sempre vai para o jogo pelo esporte que há nele. Se ele vence, ele se regozija da mesma forma que o irmão branco o faz, ao passo que, quando é derrotado, comporta-se como um homem e se dispõe a reconhecer que perdeu porque o outro homem foi o melhor.

Para provar este ponto, o Journal publicou uma cópia da carta do presidente da Oklahoma University Preparatory School, que escreveu: “O jogo de basquetebol da noite do último sábado foi uma partida finíssima, em todos os aspectos. Embora a vitória tenha sido do seu time, acreditamos que a conquistaram de forma justa.”<sup>49</sup>

O ISJ era sensível à questão do espírito esportivo, assinalando, na maioria das reportagens, que os jogos eram “limpos” e comentando sobre o nível da arbitragem. Não perdia tempo quando o adversário se comportava inadequadamente, como indicado nesta notícia de 17 de novembro de 1906, sobre o jogo de futebol americano em que Chilocco enfrentou o Kansas City Athletic Club, em Kansas City. A matéria reclamou que o campo era

de longe a pior cancha onde jogamos este ano. Permitia-se aos espectadores correr pelo campo durante a partida. (...) As decisões do árbitro favoreceram enormemente o KCAC, cujo time queria discutir a todo momento. Foi fácil ver por que algumas equipes se recusam a jogar contra o KCAC, e Chilocco será uma delas, pois não mais o enfrentará sob tais condições.<sup>50</sup>

---

<sup>49</sup> “Athletics”. Indian School Journal, March 1909, p. 54.

<sup>50</sup> “Chilocco Athletic Notes”. Indian School Journal, December 1906, 59.

O amadorismo era particularmente importante em Chilocco, e sua missão refletia este compromisso: “beisebol, futebol americano, tênis, basquete etc. são estimulados, mas não há qualquer iniciativa para organizar times profissionais”.<sup>51</sup> Provavelmente a menção a times profissionais foi, em parte, feita para distinguir Chilocco da rival Carlisle, sobre a qual se alegava que o técnico Pop Warner pagava os jogadores (BLOOM, 2000, p. 27-9).

Um artigo de 1908 sugere que os estudantes e funcionários de Chilocco deveriam se orgulhar de seus atletas amadores e encorajar a comunidade escolar a apoiar sua equipe de futebol americano. O artigo notava que “o grupo reúne trinta índios guerreiros, e nunca houve um esquadrão tão determinado. Repletos de vivacidade, velocidade e trabalho de equipe, vamos eclipsar o time de 1906”. E acrescentava: “venham torcer pelos garotos. Eles precisam da torcida de cada estudante e funcionário. Eles representam Chilocco.” Finalmente, o artigo concluía: “Devemos sempre lembrar que nosso time é um assunto exclusivamente estudantil. Não há profissionais nele.”<sup>52</sup> Esse cutucão final nas escolas suspeitas de usar os chamados atletas profissionais enfatizava a importância do status amador da equipe de Chilocco para a equipe do ISJ.

Em 1909, após o time masculino conquistar o campeonato estadual de basquete de Oklahoma, o ISJ publicou uma seção sobre o compromisso de Chilocco com o amadorismo. O Journal anunciou que “nenhum estudante ou técnico é mantido na escola unicamente com o propósito de fortalecer as equipes esportivas”, acrescentando que todos os jogadores precisavam manter “altos padrões” tanto em sala de aula quanto no treinamento industrial para se manter elegíveis. O Journal às vezes proclamava que o time de futebol americano de Chilocco “desafia abertamente qualquer time indígena que não seja treinado por um homem pago especificamente para este trabalho”. O artigo acrescentava que a escola tinha apenas

---

<sup>51</sup> “A Brief Description of Our School”. Indian School Journal, February 1909, p. 41.

<sup>52</sup> “Athletic Notes”. Indian School Journal, October 1908, p. 56.

estudantes em tempo integral e que todos os técnicos eram funcionários públicos (como a escola era do Bureau of Indian Affairs, seus empregados trabalhavam para o órgão) que treinavam seu time voluntariamente. Depois de alardear as qualidades das equipes de beisebol, atletismo, futebol americano e basquete, o artigo terminava com um aviso: “meninos com inclinação para o esporte não devem errar ao escolher sua escola”.<sup>53</sup> Está implícita no aviso a ideia de que o suposto profissionalismo de outros internatos indígenas não faria os jovens estudantes progredirem e amadurecerem, tanto quanto a abordagem integral, amadora e focada no estudante de Chilocco.

A ênfase no espírito esportivo observada particularmente no ISJ reflete e reforça os argumentos de Peavy e Smith (2001) sobre o time de basquete de Fort Shaw que jogou na Exposição Universal de 1904. As autoras sustentam que o time foi enviado à exposição para demonstrar o quão civilizadas as garotas se tornavam por meio da educação ao estilo branco e da exposição ao esporte (p. 19). O ISJ repetidamente se referia ao espírito esportivo de forma semelhante à que Oriard relatou que o superintendente Pratt fazia, desejando que o esporte produzisse jovens cavalheiros que não fossem “selvagens”. Tranquilidade face a arbitragens ruins e jogadores e condições agressivas provavam que os índios de Chilocco e outros internatos indígenas eram mais civilizados que seus pares brancos.

Curiosamente, o superintendente Pratt não mencionou a necessidade de atletas amadores, e, não por acaso, sua Carlisle School era alvo constante de rumores de violação do amadorismo. A questão que se levanta é por que o ISJ enfatizava tanto o amadorismo. A resposta parece ligada, em parte, ao recrutamento de estudantes e funcionários. Os internatos indígenas, assim como as faculdades que as enfrentavam lidavam com um número razoável de transferências de estudantes. Diversas matérias do ISJ relatam sobre atletas que jogaram

---

<sup>53</sup> “Basket Ball Team Wins Oklahoma Championship”. Indian School Journal, August 1909, p. 12.

por uma escola diferente na temporada anterior.<sup>54</sup> A ênfase em afirmar que todos os técnicos e atletas eram funcionários e estudantes comuns também traz uma explicação sutil para quaisquer derrotas que os times de Chilocco sofressem. O ISJ podia enfatizar a garra do time quando os atletas eram recrutados para ser bons estudantes e jovens cavalheiros com uma postura de membros da classe alta britânica em relação ao amadorismo. Carlisle, por outro lado, parecia promover o espírito esportivo mais no âmbito profissional da classe trabalhadora.<sup>55</sup> Chilocco parece ter se apropriado do amadorismo como um fator de orgulho, de distinção e singularidade, e como um atrativo para estudantes, atletas e funcionários.

### **Esporte como ocasião social**

Participar dos esportes e viajar para competir, como noticiado no ISJ, eram ocasiões sociais. As competições esportivas eram não apenas oportunidades de viajar para lugares novos, mas também de rever velhos amigos e conhecidos. Muitos dos funcionários e estudantes de internatos indígenas haviam trabalhado ou estudado em outros internatos.<sup>56</sup> O esporte dava a oportunidade de visitá-los. Quando, em novembro de 1906, o time de futebol americano do Haskell Institute viajou do Texas para o Kansas, passou a noite em Chilocco. O ISJ noticiou: “ficamos felizes de vê-los e desejamos que voltassem mais vezes”. O Indian Leader (o jornal da escola Haskell), citado na mesma matéria do ISJ, relatou que o time foi “recebido calorosamente” e notou que muitos dos atletas de Chilocco haviam jogado por

---

<sup>54</sup> “Chilocco Athletic Notes”. Indian School Journal, November 1906, p. 56; “The News at Chilocco”. Indian School Journal, June 1907, p. 57.

<sup>55</sup> Ver Collins (1998) para uma discussão sobre como as questões britânicas com o esporte profissional e amador resultaram na criação de um sistema separado de rugby em 1895.

<sup>56</sup> Muitos membros do quadro funcional saíam de uma escola para outra para galgar posições ou eram transferidos pelo Bureau of Indian Affairs. Alguns funcionários dos internatos indígenas, como George Bent, técnico de futebol, disciplinador e mestre da banda de música, parecem ter se formado, eles próprios, em internatos indígenas, mas seus primeiros trabalhos eram geralmente em escolas distintas daquelas nas quais estudaram. Essas idas e vindas eram noticiadas em colunas como “The News at Chilocco”. Indian School Journal, March 1909, p. 53-4.

Haskell em anos anteriores.<sup>57</sup> Similarmente, em 1908 o ISJ noticiou que, apesar da derrota para o time de futebol americano de Chilocco, “a Osage School abriu suas portas para nós, mostrando o verdadeiro espírito indígena aos visitantes. Fizemos uma festa para nós. (...) Devemos sempre ter um lugar quente para nossos companheiros das tribos”.<sup>58</sup> Em 1910, o time de basquete masculino viajou para Friends University em Wichita (Kansas), e perdeu pelo largo placar de 43x19, mas a “calorosa recepção” que recebeu fez a equipe se sentir “com o espírito aquecido”, e o ISJ relatou que os Quakers eram “um grupo bacana de companheiros”.<sup>59</sup> A ênfase do ISJ na hospitalidade e afinidade entre os atletas de todas as raças sugere que ele queria demonstrar que o esporte permitia a atletas e torcedores o engajamento em uma experiência social que ia além da competição.

Um dos artigos mais extensos sobre hospitalidade foi reproduzido do Tonkawa (Oklahoma) News. Duzentos torcedores de Tonkawa, situada a 35 milhas de distância, pegaram um trem para ir a um jogo de futebol americano contra Chilocco. A viagem de trem foi uma aventura de quatro horas de duração com várias voltas e atrasos inesperados, mas os torcedores estavam animados e curtiram a caminhada de uma milha e meia da estação de trem até a escola. Ao chegarem, Chilocco ofereceu um almoço ao time de futebol americano e aos dirigentes da escola, e os torcedores ganharam café e creme puro, o que era um agrado. Quando Chilocco descobriu que alguns viajantes não haviam almoçado, a escola deu-lhes um pouco de comida. Depois do almoço, todos fizeram um *tour* pelas instalações, e o News detalhadamente relatou como Chilocco era impressionante. A partida foi realizada e o time de Tonkawa perdeu de lavada, mas a reportagem tinha um tom positivo e notava que todos se divertiram, em parte devido à hospitalidade da escola anfitriã.<sup>60</sup> A reprodução desta notícia

---

<sup>57</sup> “Chilocco Athletic Notes”. Indian School Journal, December 1906, p. 59.

<sup>58</sup> “Athletic Notes”. Indian School Journal, December 1908, p. 56.

<sup>59</sup> George Bent. “Chilocco’s Basket Ball Team”. Indian School Journal, February 1910, p. 48-49.

<sup>60</sup> “Chilocco is Visited”. Indian School Journal, December 1909, p. 37-38.



pelo ISJ tem um certo tom de autocongratulação, mas também enfatiza como, para Chilocco, era importante não apenas o bom desempenho esportivo, mas também ser bons anfitriões para as escolas adversárias.

A ênfase no aspecto de ocasião social do esporte reflete um traço presente em todo o país, de crescente participação e assistência a eventos esportivos. Os pesquisadores têm registrado tal interesse social de Dallas (Texas) à cidade de Nova Iorque como algo que começa a atravessar classes neste período.<sup>61</sup> Para os estudantes e funcionários de Chilocco, assim como os de outras escolas, o esporte era entretenimento tanto para os participantes quanto para os espectadores, assim como para muitos nos EUA.

### **Raça e orgulho pela escola**

A linguagem dos artigos esportivos no ISJ sugere o possível orgulho pan-indígena que os historiadores Bloom e Rader atribuem ao esporte. Por exemplo, os autores dos textos sobre esporte geralmente escreviam a partir da perspectiva do torcedor, demonstrando grande orgulho por “nossos”<sup>62</sup> atletas: esperavam-se vitórias, e as derrotas eram explicadas com referências ao tamanho maior dos adversários ou justificadas enfatizando-se o esforço do time. Em 1906, após a derrota do time de futebol americano de Chilocco para o Kansas City Athletic Club, o ISJ noticiou que o time de Kansas City “superava Chilocco em peso por uma diferença de 20 a 35 libras por jogador. Foi uma partida que colocou homens contra meninos estudantes, mas jamais ouve uma exibição mais valente em qualquer cancha”. Dois parágrafos se seguiam, resumindo a temporada: “Chilocco deveria se orgulhar de sua campanha este ano. Nenhuma escola teve resultados tão marcantes.” O time vencera sete jogos e perdera apenas um, marcando um total de 106 pontos e sofrendo 14. Reiterando o

---

<sup>61</sup> Ver Jebson Jr. (1979) e Willis e Wettan (1977).

<sup>62</sup> Para um exemplo do uso de “nosso” time, ver “Chilocco Athletic Notes”. *Indian School Journal*, November 1906, p. 56.

compromisso de Chilocco com o amadorismo, a reportagem notava que todos os jogadores do time eram estudantes.<sup>63</sup> Similarmente, após perder uma disputa no atletismo contra Arkansas City High, que era a melhor equipe no estado de Kansas, o ISJ reportou que “perdemos no lançamento de disco porque não temos disco, então não tínhamos como treinar e aí perdemos nove pontos, provocando nossa derrota. Mas não perdemos a vontade e vamos tentar de novo.”<sup>64</sup> Até nas derrotas, a descrição positiva do ISJ enfatiza seu orgulho pelo time e pela escola.

Theodore Edwards, o jovem cronista e estudante chippewa, parecia particularmente inclinado ao apoio entusiasmado às equipes de sua escola. Em fevereiro de 1907, sua coluna enfocava exclusivamente a disputa interna de basquete masculino da escola (a qual, segundo ele, teve “jogos velozes e animados”) com times divididos por série, departamento e, ocasionalmente, tribo.<sup>65</sup> Em março de 1907, ele escreveu sobre os “interessantes jogos” de basquete, observando que os garotos do time de Tonkawa (Oklahoma) convidaram “cinco de nossos índios guerreiros do basquete” para uma partida, mas Chilocco venceu. Edwards elogiou em particular o jogo de Charles Riding Up, escrevendo: “onde quer que Chas pegue a bola, pegue seu lápis e anote dois pontos”.<sup>66</sup> Sua coluna de maio daquele ano enfocava o beisebol e se referia à “forte equipe” de Chilocco, observando: “está em esplêndida forma e espera-se bons jogos”.<sup>67</sup> O entusiasmo de Edwards e de seus colegas cronistas pelos times de Chilocco pode estar relacionado a orgulho racial ou pela escola, ou pode simplesmente ter imitado o jornalismo esportivo “oba-oba” do início do século XX, exemplificado por

---

<sup>63</sup> “Chilocco Athletic Notes”. Indian School Journal, December 1906, p. 59.

<sup>64</sup> “Athletic Notes”. Indian School Journal, June 1909, p. 55.

<sup>65</sup> Theodore Edwards. “Chilocco Basket-Ball”. Indian School Journal, February 1907, p. 55.

<sup>66</sup> Theodore Edwards. “Chilocco Athletic Notes”. Indian School Journal, March 1907, p. 67.

<sup>67</sup> “The News At Chilocco”. Indian School Journal, May 1907, p. 52.

Grantland Rice (WALKER, 1999, p. 123).<sup>68</sup> O ISJ frequentemente reproduzia artigos de origem externa, como outras publicações indígenas, publicações do governo e artigos da imprensa branca. Portanto, devido ao trabalho no ISJ, Edwards e seus colegas estavam expostos a uma variedade de estilos de prosa, isso sem contar a possível leitura de periódicos que talvez fizessem fora da sala de redação. Dada a frequência e o entusiasmo com que Edwards abordava o esporte em sua coluna no ISJ, sua prosa provavelmente era uma combinação de orgulho e modelagem.

O orgulho pela escola foi utilizado como meio de promover participação, hábitos de treino adequados e cuidado com os equipamentos. Quando a equipe masculina de atletismo parecia contar com poucos participantes, o ISJ escreveu: “se você não quer que Southwestern College venha aqui e nos escalpe, é melhor você vir treinar. (...) Todos estão convidados a fazer um teste para a equipe. Ninguém sabe do que é capaz até tentar.”<sup>69</sup> Quando a equipe tentou participar de mais competições em 1911, um artigo alertava que, “se essas corridas forem agendadas, nossos homens precisarão treinar regularmente para fazer bonito. Perseverar nos treinamentos, mantendo horários regulares, e deixar de fumar cigarros e mascar tabaco, e outros maus hábitos, é absolutamente necessário para estar em condições de competir.”<sup>70</sup> Até o time de beisebol foi chamado a agir com respeito quando recebesse novos uniformes: “espera-se que cada homem da equipe tenha orgulho e mantenha seu traje na melhor condição possível”.<sup>71</sup> Este orgulho pelos uniformes era, provavelmente, um reflexo das condições relativamente austeras da escola. O ISJ não relatou times recebendo uniformes novos com frequência, o que sugere que eles eram usados pelo tempo máximo que durassem.

O orgulho próprio e pela escola era enfatizado constantemente no Journal, e isso

---

<sup>68</sup> Walker definiu a escola “oba-oba” de jornalismo esportivo como retratando seus assuntos acriticamente e romanticamente, ignorando quaisquer aspectos repugnantes dos jogadores ou das partidas.

<sup>69</sup> “Chilocco Athletics”. *Indian School Journal*, May 1909, p. 53-55.

<sup>70</sup> “Athletics: Annual Athletic Reception of the Chilocco School”. *Indian School Journal*, April 1911, p. 51-52.

<sup>71</sup> “Chilocco Athletics”. *Indian School Journal*, May 1909, p. 53-55.

coloca uma questão complicada sobre o papel da aculturação. Embora o superintendente Pratt, da escola Carlisle, argumentasse que o esporte nos internatos ensinava aos jovens americanos nativos a controlar seu temperamento quando encarassem uma marcação errada de um juiz e a, em vez disso, como escreveu John Bloom (2000), “engolir seu orgulho indígena”, o ISJ repetidamente invocava seus atletas e leitores a ter orgulho (p. 16). Apesar de, como discutido antes, o ISJ também se importar bastante com o espírito esportivo, seus cronistas esportivos não abandonavam seu orgulho; na verdade, eles tinham orgulho de seu espírito esportivo. Esse assunto reforça o argumento de Bloom de que o esporte nas escolas indígenas se tornou um espaço de orgulho racial, uma celebração de “nacionalismo popular que mostrava ‘do que um índio é capaz’” (p. 129).

A linguagem do ISJ parece se apropriar de certos termos hoje considerados pejorativos. Por exemplo, as matérias relatam que as várias equipes esportivas de Chilocco eram apelidadas de “Os Índios” (“The Indians”); elas descrevem tentativas de “somar escalpos ao cinto” de seus oponentes “caras-pálidas”;<sup>72</sup> e, às vezes, referem-se aos times masculinos como “índios guerreiros”. Como muitos cronistas esportivos, os que escreviam no ISJ usavam termos militares, e talvez fosse lógico que usassem o linguajar presente nas guerras de fronteira do século XIX. Por exemplo, referindo-se a uma vitória no futebol americano em 1908, o Journal relata que “caçadores de couro de porco viajamos ao território dos Osages em busca de escalpos, e quando encontramos a trilha e a poeira da batalha assentou, havíamos batido o inimigo”.<sup>73</sup> Até o time feminino “capturou alguns escalpos”.<sup>74</sup> Não está claro se apropriar-se de tais expressões é um sinal de orgulho racial ou um indício de que os autores estavam assimilando a terminologia dos brancos, como Beth Haller (2002) alerta, ou ambos (p. 65-86). Isto pode, contudo, ser uma combinação de ambos. Os cronistas

---

<sup>72</sup> “Athletics”. Indian School Journal, March 1909, p. 54.

<sup>73</sup> “Athletic Notes,” Indian School Journal, December 1908, p. 56.

<sup>74</sup> “The News at Chilocco”. Indian School Journal, February 1908, p. 48.

provavelmente tomavam como modelo a escrita esportiva dos brancos da época, o que implicaria uma forma de assimilação da terminologia dos brancos. Não obstante possam ter incorporado tal vocabulário, sua linguagem também pode ter representado orgulho racial. O tema orgulho é forte demais no ISJ para permitir que consideremos mera assimilação o uso do que, provavelmente, eram frases clichê da época.

### **Conclusão**

Os textos do Indian School Journal, em geral, apoiam os argumentos apresentados em pesquisas anteriores sobre o papel do esporte nas vidas dos americanos nativos, mas, ao mesmo tempo, sugerem novos temas que interessavam aos autores e leitores. Como Bloom argumentou, os textos do ISJ refletem um forte senso de orgulho racial e escolar – os autores tinham orgulho das equipes esportivas de suas escolas e de que elas competissem competente e valentemente contra todos os visitantes, fossem seus adversários de escolas brancas ou outras escolas indígenas. Os textos também revelam a crença profunda no espírito esportivo que Oriard e Bloom descreveram. As conexões sociais relatadas no Journal refletem a experiência do jogo de estreia de 1926 no Haskell Institute, tal qual descrita por Rader. Por outro lado, os textos do ISJ colocam muito mais ênfase no esporte feminino do que qualquer pesquisador, exceto Peavy e Smith, descreveu, e também levantam a questão do amadorismo a um nível inexplorado por investigações anteriores.

Como fonte, contudo, o ISJ é significativo porque apresenta matérias sobre o esporte nas escolas indígenas, especialmente em Chilocco, a partir da perspectiva de uma imprensa predominantemente americana nativa. O ISJ parecia feliz de ter assinantes em qualquer lugar, mas sua ênfase na educação e experiências indígenas sugere que os editores de Chilocco tinham a expectativa de um público simpático a tais questões. Aparentemente a mais longeva

publicação indígena do século XX, o Journal é uma fonte singular, merecedora de outros estudos.

O ISJ traz a oportunidade de olhar como o esporte foi representado numa publicação de e para americanos nativos e aqueles interessados no sistema de internatos indígenas. No breve lapso temporal entre 1906 e 1913, dificilmente uma edição era publicada sem alguma referência ao esporte e à atividade física nos internatos indígenas, particularmente em Chilocco, a sede do Journal. Embora a autoria e o grau de liberdade efetivamente experimentados pela imprensa sejam difíceis de determinar, as representações do esporte no Journal sugerem que o esporte ocupou papel relevante nas vidas dos estudantes e funcionários. As equipes e esportes podem ou não ter tido o efeito desejado de “civilizar” os jovens americanos nativos, mas eram importantes para aqueles que estavam nas escolas.

É interessante notar que o ISJ dá mais crédito e cobertura às equipes esportivas femininas do que poderia ser esperado da época, especialmente considerando que as idealizadas mulheres brancas de classe média daqueles dias desestimulavam a participação feminina no esporte. Embora as jovens mulheres em Chilocco fossem treinadas em artes domésticas, o que as prepararia para as tarefas de esposa e mãe (se fossem bem casadas), ou de empregada doméstica, os dirigentes de Chilocco ao menos parecem ter vislumbrado os padrões e valores de classe média, e não de classe trabalhadora, como o ideal ao qual seus estudantes deveriam aspirar. O ISJ repetidamente enfatizava normas e valores de classe média, noticiando regularmente casamentos e nascimentos entre seus ex-alunos e funcionários, e a contratação de seus egressos homens. Música e teatro, assim como o esporte, eram partes importantes da educação em Chilocco, e o ISJ noticiava as performances em detalhes.<sup>75</sup> Esses ideais de classe média e alta também se refletiam na ênfase de Chilocco no

---

<sup>75</sup> “Commencement at Chilocco.” Indian School Journal, July 1909, p. 7-20.

amadorismo. A escola, diferentemente de algumas de suas similares, se opunha enfaticamente ao pagamento de atletas e treinadores. Ela desejava que seus estudantes praticassem esportes e seus funcionários os treinassem porque amavam o esporte e devido aos atributos positivos das atividades físicas, e não porque recebessem para fazê-lo.

A escola e o jornal tinham orgulho da reputação de suas equipes pelo bom espírito esportivo, que era ligado aos valores normativos da classe média branca da época, e também deslocava a presunção branca de que os índios eram selvagens. Contudo, esses temas, particularmente o orgulho, são complicados. O Journal reflete um orgulho de si, da escola e da raça que aparece nas matérias sobre os esforços e triunfos das equipes e sobre o prazer proporcionado pelos eventos sociais em torno dos jogos. O esporte parece ter sido uma atividade onde o ISJ informa que os estudantes e os demais envolvidos com os times tinham orgulho de serem índios, em todos os sentidos do termo. Porém, este mesmo orgulho também pode ser interpretado como assimilacionismo. O ISJ noticiava com orgulho as conquistas de seus estudantes em esportes e eventos tradicionalmente brancos, e aprovava seu comportamento supostamente de acordo com as normas “brancas”, com os quais os times mostravam excelente espírito esportivo e jogavam pelas regras do homem branco. Parece provável que os textos do Journal refletissem ambas as ideias: os cronistas americanos nativos tinham orgulho de sua escola, suas equipes e sua raça, mas, ao mesmo tempo, estavam sendo assimilados à cultura branca, como queriam as escolas. Ambas estão inexoravelmente entrelaçadas.

### **Referências bibliográficas**

ADAMS, David Wallace. *Education for Extinction: American Indians and the Boarding School Experience, 1875-1928*. Lawrence: University of Kansas Press, 1995.

ADAMS, David Wallace. More Than a Game: The Carlisle Indians Take to the Gridiron, 1893-1917. *Western Historical Quarterly*, v. 32, p. 25-54, 2001.

BLOOM, John. *To Show What An Indian Can Do: Sports at Native American Boarding Schools*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.

CAHN, Susan K. *Coming on Strong: Gender and Sexuality in Twentieth-Century Women's Sport*. New York: Free Press, 1994.

CHURCHILL, Ward. An Historical Overview of Twentieth Century Native American Athletes. *Indian Historian*, v. 12, p. 22-33, 1979.

COLLINS, Tony C. *Rugby's Great Split: Class, Culture, and the Origins of Rugby League Football*. New York: Routledge, 1998.

CRAWFORD, Bill. *All American: The Rise and Fall of Jim Thorpe*. Hoboken, N.J.: Wiley and Sons, 2005.

ELLIS, Clyde. *To Change Them Forever: Indian Education at Rainy Mountain Boarding School, 1893-1920*. Norman: University of Oklahoma Press, 1996.

FARRELL, R.V. The Conquests of Minds: Lessons and Strategies from Latin American Educational History. *Blackwell E-Journal of Educational History*. Disponível em: <<http://www.cedu.niu.edu/blackwell/ejournal.html>>. Acesso em 4 July 2006.

GUTTMANN, Allen. *Women's Sport: A History*. New York: Columbia University Press, 1991.

HALLER, Beth A. Cultural Voices or Pure Propaganda? Publications of the Carlisle Indian School, 1879-1918. *American Journalism*, v. 19, p. 65-85, 2002.

HOWELL, Reet (ed.). *Her Story in Sport: A Historical Anthology of Women in Sports*. West Point, N.Y.: Leisure Press, 1982.

KIDD, Bruce. In Defence of Tom Longboat. *Canadian Journal of the History of Sport*, v. 14, p. 34-63, 1983.

JEBSSEN JR, Harry. The Public Acceptance of Sports in Dallas, 1880-1930. *Journal of Sport History*, v. 6, p. 5-19, 1979.

LOMAWAIMA, K. Tsianina. *They Called It Prairie Light: The Story of Chilocco Indian School*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1994.

ORIARD, Michael. *Reading Football: How the Popular Press Created an American Spectacle*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1993.

PEAVY, Linda; SMITH, Ursula. World Champions: The 1904 Girls' Basketball Team from Fort Shaw Indian Boarding School. *Montana*, v. 52, p. 2-25, 2001.

RADER, Benjamin G. 'The Greatest Drama in Indian Life': Experiments in Native American



Identity and Resistance at the Haskell Institute Homecoming of 1926. *Western Historical Quarterly*, v. 35, p. 429-452, 2004.

REYHNER, Jon; EDER, Jeanne. *American Indian Education: A History*. Norman: University of Oklahoma Press, 2004.

RINEY, Scott. *The Rapid City Indian School, 1893-1933*. Norman: University of Oklahoma Press, 1999.

WALKER, Stanley. *City Editor*. Baltimore, Md.: Johns Hopkins University Press, 1999.

WASHBURN, Wilcomb E. (ed.). *The American Indian and the United States: A Documentary History*. Westport, Conn.: Greenwood, 1973.

WILLIS, Joe; WETTAN, Richard. Social Stratification in New York City Athletic Clubs, 1865-1915. *Journal of Sport History*, v. 4, p. 189-207, 1977.